

A MENINA SEM PALAVRA, A INFÂNCIA E A CONTEMPORANEIDADE PÓS-COLONIAL: PERSPECTIVAS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Carla Alves da Silva¹

Josyane Malta Nascimento²

RESUMO

A formação do leitor literário perpassa por várias abordagens e compreende um caminho amplo para que docentes, aliados a outras estratégias, proporcionem, em sala de aula, com ampliação para outros espaços, um público capaz de fazer diferentes leituras de mundo a partir do que se é apresentado de literatura e que esteja envolto às discussões propostas presentes nas diferentes obras literárias. Nessa perspectiva, cabe salientar que tornar possível a leitura de autoria africana pode proporcionar aos discentes um conhecimento mais amplo a respeito, por exemplo, das questões sociais e culturais de determinado povo e, assim, propiciar um mundo menos desigual e, conseqüentemente, sem preconceitos. Em torno dessa perspectiva, o trabalho em pauta visa apresentar uma reflexão em torno da formação de leitor literário a partir da obra *A menina sem palavra*, do escritor moçambicano Mia Couto, com vistas à temática da infância e da contemporaneidade pós-guerra em determinadas narrativas. Para alcançar o objetivo, pretende-se, aqui, fazer uma pesquisa descritiva-exploratória, de natureza bibliográfica, em torno de alguns pressupostos teóricos, relacionados à literatura africana de língua portuguesa em sala de aula e as construções narrativas em torno dela, respectivamente, e abordados por estudiosas, como Debus (2017), Mata (1998). Tais enfoques objetivam a formação crítica do leitor literário, de modo a propiciar discussões e reflexões ao referido escopo, que são os estudantes da educação básica.

Palavras-chave: Infância. Literatura Moçambicana. Formação de leitor. Leitura literária.

ABSTRACT

The formation of the literary reader goes through several approaches and comprises a broad way for teachers, allied to other strategies, to provide, in the classroom, with expansion to other spaces, an audience capable of making different readings of the world from what is happening. is presented of literature and that is involved in the proposed discussions present in the different literary works. In this perspective, it should be noted that making it possible to read African authorship can provide students with a broader knowledge about, for example, the social and cultural issues of a certain people and, thus, provide a less unequal world and, consequently, without prejudice. . Based on this perspective, the work in question aims to present a reflection on the formation of a literary reader based on the work *A girl without word*, by the Mozambican writer Mia Couto, with a view to the theme of childhood and post-war contemporaneity in certain narratives. . To achieve the objective, it is intended, here, to carry out a descriptive-exploratory research, of a bibliographic nature, around some theoretical assumptions, related to African literature in Portuguese in the classroom and the narrative constructions around it, respectively, and addressed by scholars such as Debus (2017), Mata (1998). Such approaches aim at the critical formation of the literary reader, in order to provide discussions and reflections to the referred scope, which are the students of basic education.

Keywords: Childhood. Mozambican Literature. Reader training. Literary reading.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará e mestra em Letras pela Universidade Estadual do Ceará.

² Licenciatura em Letras - língua portuguesa e respectivas literaturas (Ces/JF), mestra em Teoria da Literatura (UFJF) e doutora em Estudos Literários (UFJF/Universidade de Coimbra)

1 INTRODUÇÃO

O ensino de literatura em sala de aula apresenta desafios que exigem, do docente que intermedeia essa prática, estratégias capazes de tornar a leitura do texto literário um atrativo com intuito de inserir o educando em experiências diversas, sejam elas culturais, sociais e afins. No que tange à vivência a partir das leituras de coletâneas como *A menina sem palavra*³, do escritor moçambicano Mia Couto, os variados temas presentes na narrativa contística podem propiciar o conhecimento ainda mais amplo e diversificado ao educando. Esta afirmação se justifica pelo fato do referido público, principalmente o infantojuvenil, poder ser imerso – a partir da ficção – a uma cultura múltipla de significado, com traços marcantes de um povo assolado por uma guerra que perdurou por, pelo menos, dez anos e que, em meio a perdas familiares, ao sofrimento do próprio caos que é um conflito tão sangrento como o referido, à exploração infantil, esse indivíduo que teve a experiência com a leitura terá, sobre a vida e a respeito do convívio com o outro, visões diversas capazes de trazer amplitudes relacionadas às práticas sociais vividas por tais protagonistas inseridos na narrativa.

A obra escolhida para ser trabalhada ao longo dessa discussão, *A menina sem palavra*, tem uma importância significativa para a literatura mundial, haja vista que, entre outras possibilidades, o título representa, com singularidade, a sensibilidade poética de Mia Couto, por meio de protagonistas infantis distribuídas nas histórias contadas ao longo dos dezessete contos. Os títulos escolhidos para as análises abordadas no presente trabalho foram “O dia em que explodiu Mabata-bata”, “O apocalipse privado do tio Geguê”, “A filha da solidão”, “O embondeiro que sonhava pássaros”, “As baleias de Quissico”, “Sapatos de tacão alto”, “A menina sem palavra” e “A Rosa Caramela”.

Ressaltamos também que o autor da referida produção contística foi vencedor de um dos prêmios mais importantes da literatura – Camões –, em 2013. Além disso, essa sua produção faz parte da lista de livros do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) 2020. Desse modo, compreendemos que exemplares como o citado podem auxiliar no processo de formação de leitor, do público de 8º e 9º anos, do

³ *A menina sem palavra* trata-se de uma coletânea elaborada pela Editora Bonifácio a partir da escolha de alguns contos já publicados por Mia Couto e, conseqüentemente, inseridos em obras do referido autor.

ensino fundamental II, haja vista que a escola optante pela obra recebe exemplares em quantidade significativa para ser manuseado, sentido, lido e explorado pelo discente público-alvo de uma possível proposta a partir da leitura da obra.

A partir das discussões já levantadas anteriormente, faz-se necessário também destacarmos que o objetivo do referido trabalho é refletir em torno da formação do leitor literário, com vistas à construção da criticidade, no que tange às questões abordadas nos contos da obra em pauta. Ressaltamos, ainda, que as narrativas dialogam com questões sociais e raciais e, além disso, são contadas de modo singular e poético, o que proporciona ao leitor, ao mesmo tempo que ler/reflete/constrói, olhares e caminhos para o pensamento crítico.

Uma das características singulares da obra *A menina sem palavra* diz respeito à composição das personagens. Em todas os contos, as crianças e os/as adolescentes que constroem as narrativas integram as histórias das quais fazem parte de modo singular e, por isso, são protagonistas das emoções, das dores, das explorações, das alegrias, dos prazeres e, muitas vezes, das tristezas e dos horrores do período pós-guerra, como pode ser visto em alguns contos da coletânea. Para exemplificarmos a referida afirmação, destacamos que, no conto que dá nome ao título do livro, a protagonista apenas sonha com o mar, sente-o e vive-o, inclusive isso se percebe na única palavra que ela pronuncia – mar –, já que, ao longo da vida, não pronunciou um só vocábulo, apesar de proferir lindas melodias. Ao final, percebemos que todas as sensações vividas por ela e pelo pai – este ansiava ver a filha balbuciando as mais diversas expressões – eram experiências sentidas sem que os dois precisassem sair do cubículo de onde a menina sempre esteve. Notamos, a partir da leitura, que a menina podia se expressar mesmo sem proferir qualquer palavra e apenas precisava ser compreendida pelos seus.

É importante destacarmos a relevância de refletirmos a respeito do trabalho com a literatura africana de língua portuguesa em sala de aula. Trata-se de uma oportunidade distinta apresentar *A menina sem palavra*, de um escritor tão aclamado como é Mia Couto (2018), aos/às discentes. Pensarmos sobre a condução do trabalho com a referida obra pode fomentar o interesse do nosso alunado às questões que envolvem um conhecimento mais aprofundado sobre uma pequena parcela dos povos africanos, seus costumes, suas crenças e suas culturas. Além disso, aprofundarmos em uma leitura que explora temas relacionados às questões raciais e sociais de

um povo também permite-nos conduzir os/as leitores/as à reflexão em torno do combate ao preconceito com outros povos, em especial com os povos de origem africana.

Haja vista que na literatura as personagens infantojuvenis são bastante representativas, convém compreender, de modo mais analítico, a escolha da temática para fins investigativos e reflexivos do referido trabalho em pauta. A obra do escritor moçambicano Mia Couto *A menina sem palavra* apresenta-nos diferentes espaços em um cenário assolado pelo sofrimento, de certo modo, pelo cenário pós-guerra⁴, que herda sofrimentos e agruras de um povo que busca, de diferentes formas, reerguer-se para viver, de modo mais pacífico, o mundo. É importante ressaltar o quanto esses cenários trazem resquícios de uma herança colonial dolorosa e árdua para a história de Moçambique.

A partir das abordagens apresentadas, depreendemos que tornar possível essa leitura aos estudantes, principalmente aos alunos do ensino básico, permitirá a esse público uma formação com vistas ao letramento literário, em que se possibilite o conhecimento sobre culturas diversas, principalmente àquelas marginalizadas às vistas do olhar ocidental dos indivíduos e, conseqüentemente, estereotipadas, gerando, inclusive, o preconceito de raça e étnico. Assim, concebemos que permitir tal experiência ao adolescente, a partir de uma visão singela de variadas protagonistas que, por sua idade, transmitem ao leitor leveza, singeleza, inocência e, ao mesmo tempo, visão límpida das observações ao longo dos contos, pode oportunizar experiências significativas aos leitores da obra. Tal afirmação pode ser identificada no conto “O embondeiro que sonhava pássaros”, que narra a história de um homem, vendedor de pássaros, que era visto de modo preconceituoso pelos lugares onde passava, justamente por ser negro, todavia, aos olhares das crianças, apenas era visto com admiração e encantamento. Vemos esse vislumbre quando, em um trecho do início do conto, o menino chama a atenção da mãe para a chegada, na rua, do “homem dos passarinhos”. Logo em seguida, no enredo, tem-se outro indício de fascínio que os garotos tinham pelo vendedor de pássaros. Na história, o narrador

⁴ Moçambique possui uma trajetória enquanto país independente ainda muito recente e que esteve durante a maior parte do tempo atravessada pela guerra. A independência de Portugal foi declarada no dia 25 de junho de 1975, depois de 10 anos de Luta Armada de Libertação Nacional (1964-1974). Após a independência, um dos diferentes movimentos que se articularam durante a luta, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) — primeiro e único partido até hoje no poder central — constituiu um governo de inspiração marxista-leninista (LAMAS; BUENO, 2021, p. 109-110).

conta que, quando chegava o passarinho, “os meninos inundavam as ruas. As alegrias se intercambiavam: a gritaria das aves e o chilreio das crianças. O homem [...] harmonicava sonâmbulas melodias. O mundo inteiro se fabulava (COUTO, 2018, p. 61).

Para dar continuidade às discussões levantadas neste escopo, partimos do seguinte problema central: como, a partir da perspectiva de um enredo protagonizado por personagens inseridas no mundo infantojuvenil, é possível mostrar ao leitor um espaço narrativo de uma pequena parcela do continente africano, com destaque para os indivíduos moçambicanos, às culturas proliferadas nesses ambientes e, assim, tornar possível ao público alvo dessa prática, as práticas do letramento literário em sala de aula?

Em torno dessa ideia, surgiram outros problemas, identificados aqui como secundários. Citamos, por exemplo, três que nos encaminharão para a presente discussão, são eles: a) como, a partir das práticas de leitura do texto literário, com foco na obra *A menina sem palavra*, de Mia Couto, é possível formar leitores críticos, tomando por base as questões relacionadas ao preconceito, principalmente àqueles voltados para raça e etnia, direcionando para o combate e a erradicação dos tais? b) E, ainda, de que modo a obra *A menina sem palavra*, de Mia Couto, pode mostrar ao leitor espaços e ambientes diversos, como cenários pós-guerra, em algumas narrativas escolhidas para fazerem parte da coletânea, e, assim, fazê-lo compreender melhor as questões voltadas para as lutas de independência e, conseqüentemente, o seu reerguimento, bem como mostrá-lo a importância dessas lutas para a construção ou à continuidade daquilo que faz parte e que identifica determinada localidade? c) Por fim, como a tradição de um povo, bem como sua linguagem, seus costumes, podem servir de roupagem para se fazer compreender e entender determinados comportamentos sociais e visões de mundo de determinadas localidades, em especial, dos povos moçambicanos?

Desse modo, o trabalho em pauta trará reflexões abordagens que possibilitem um possível trabalho, em sala de aula, a partir da leitura da obra *A menina sem palavra*, a fim de tornar tais traquejos com a literatura africana de língua portuguesa uma prática rotineira e suscetível ao público-alvo da referida experiência. Para alcançar o objetivo exposto neste trabalho, primeiramente, trataremos, de modo geral, sobre a infância na obra *A menina sem palavra*. Abordaremos, em seguida, de

que modo o título célebre de Mia Couto pode servir como uma ferramenta plurissignificativa para compor a lista de possíveis leituras dos discentes de 8º e 9º ano do ensino fundamental II e, ainda, promover a formação crítica dos/as leitores/as que irão experienciar tal envolvimento com os textos.

2 PERCURSOS NARRATIVOS EM *A MENINA SEM PALAVRA*

Ao longo do primeiro tópico, abordaremos sobre questões que envolvem a obra *A menina sem palavra*, bem como trataremos de apresentar algumas protagonistas infantis, adolescentes e jovens presentes nas narrativas dispostas ao longo dos dezessete contos e, também, faremos análises dessas com as outras figuras inseridas na obra em pauta. Tais escopos serão abordados a fim de apresentarmos, de maneira geral, a partir dos comportamentos, dos discursos, das atitudes, como são compostas as personagens infantojuvenis na obra do moçambicano.

Em seguida à análise da infância em Mia Couto, especificamente em *A menina sem palavra*, no segundo tópico, trataremos de questões ligadas às heranças do cenário pós-guerra inseridas em algumas das histórias narradas e como as tais tornam esse processo histórico menos árduo, embora doloroso para história de Moçambique, como se, por serem protagonizadas por personagens infantis ou juvenis, dessem à trama a beleza antes nunca vista ou impossível de ser vista a olhos que não sentem a poesia, seja pela opressão, pelo medo, pelo horror que a guerra traz a um povo que sofre com tamanha agrura.

No terceiro tópico, discutiremos como a coletânea pode servir como ferramenta metodológica para compor caminhos à formação crítica do leitor literário e, assim, seja capaz de ampliar as visões a respeito da África, especificamente de uma minúscula parcela de tamanho de um continente tão vasto e pluricultural que é Moçambique.

2.1 A INFÂNCIA NA OBRA *A MENINA SEM PALAVRA*

É possível, logo na leitura do primeiro conto, percebermos como Mia Couto trata as questões ligadas à temática da infância. Em “O dia em que explodiu Mabatabata”, há um menino que prestava serviços ao tio, na criação de bois. A partir no início do conto, o narrador dá indícios da exploração pela qual o garoto, mesmo tão jovem, passava, tendo em vista que “Azarias trabalhava para ele desde que ficara órfão” (COUTO, 2018, p. 11). No desenrolar a narrativa, percebemos o sofrimento do menino para tentar sobreviver em meio a tantas perdas sofridas durante a vida. Ao final, identificamos o acordo feito entre tio e sobrinho a fim de que este realizasse o sonho de frequentar a escola, haja vista que autorizar tal feito era “ficar sem guia para os bois” (COUTO, 2018, p. 16).

Vemos, no conto em questão, a inocência da criança, no desenrolar do conto, ao não imaginar que a mina que explodira, no início da trama, na verdade, tratava-se de bombardeios relacionados à guerra, a explosões oriundas de conflitos sangrentos. Para o menino, todavia, aquele fenômeno tratava-se de um artifício sobrenatural que ocorrera por conta de forças, também, sobrenaturais. De acordo com a pesquisadora Dilma Juliano,

Numa prosa que remete àquilo que não pode ser dito diretamente, o autor impacta ao apresentar o insuportável contraste entre a criança, como potência de um mundo outro, e o adulto, em seu desalento do agora – ainda carne viva de séculos de colonização em suas guerras sangrentas. Neste sentido, tempo e espaço ficam desfocados, permitindo vir à tona a noção de infância como profundidade de um ‘real’ subjacente (JULIANO, 2018, p. 350).

Por tais elementos destacados pela estudiosa citada, entendemos como Mia Couto coloca as personagens infantis em seus textos. De modo indireto, elas são expostas e postas ao texto narrativo e dão olhares diferenciados às dores, ao sofrimento e, assim, transgridem, beneficentemente, para o olhar do mundo do qual fazem parte e muitas vezes vem cheio de percalços e problemas que aparentemente só podem ser solucionados por adultos. Tais estratégias conduzem o leitor a reflexões pertinentes a respeito do mundo e acerca daquilo que o rodeia. Baseado nessas

abordagens, Mia Couto, em entrevista dada ao Laboratório Inteligência Vida – LIV, diz-nos que,

Mais do que a sabedoria que se infere pelo nome que atribuímos à nossa própria espécie, nós, humanos, somos criaturas produtoras de sentido. Precisamos de criar ordem em redor de nós, de dar sentido àquilo que se apresenta como caos. Precisamos de criar entendimentos e previsibilidades. É por isso que a criança até uma certa idade pede que se repita sempre a mesma história. E fica perturbada quando se altera a narrativa. Essa criança sente-se assustada porque ela precisa de se sentir que existe um chão, uma casa, uma rede estável de relações que lhe confere um lugar seguro e protegido. Só depois a criança ganha o gosto de criar, de improvisar, de se surpreender e de subverter a ordem previamente desenhada. A pergunta fatal que a criança faz a seguir àquilo que nós pensávamos ser o final da narração. Ela pergunta “e depois? E esse “e depois” é uma indagação infundável. Essa insaciável curiosidade nasce da nossa condição historicamente criada nas centenas de milhares de anos em que fomos caçadores. Um caçador é um contador de história. Quando ele chega da caça não se espera apenas que trata uma presa. Pretende-se que ele conte as peripécias da sua aventura. A caça só se torna completa se preenche esse imaginário (COUTO, 2020).

Compreendemos, desse modo, que a infância trabalhada por Mia Couto é composta para levar o público-alvo à reflexão, bem como para modificar o meio em que esse indivíduo vive, haja vista que o referido ambiente vivido pela personagem e, indiretamente, pelo leitor é capaz de partilhar “com os leitores, independente da idade, valores de natureza social, cultural, histórica e/ou ideológica por ser uma realização da cultura e estar integrado num processo comunicativo” (DEBUS, 2017, p. 33). A criança que trabalha e é explorada por qualquer indivíduo, seja este um familiar ou não, remete-nos a uma cultura mundial, não só vista apenas no Brasil, mas retratada em uma literatura estrangeira oriunda de outros costumes e de divergentes práticas.

Dando continuidade às análises contísticas da obra em pauta, em “O apocalipse privado do tio Geguê”, novamente Mia Couto volta para a temática da orfandade, todavia agora a desenvolve de modo ainda mais doloroso para quem a vive, haja vista que o tio Geguê coloca o menino de quem ele cuida, seu sobrinho, em perigos constantes, com consequências desastrosas à vida de qualquer ser humano. O garoto, sem ter muitas escolhas, vê as fugas e as artimanhas do tio e as caracteriza de modo inocente e, para tudo que o familiar diz e dá desculpas, o menino prefere ver beleza. Comprovamos tal fato quando, em uma das situações, o sobrinho acorda, não encontra o tio por perto, já que ele sai cedo para praticar algumas das suas falcatruas,

e diz: “O tio Geguê até tinha razão: existia uma amanhã. Ali estava, com o sol estreando cores e belezas. Quis dividir o sentimento, mas o Geguê já tinha ido. Assim, só eu me festejei” (COUTO, 2018, p. 44). Mais uma vez, podemos perceber o olhar de uma personagem totalmente desnuda de sofrimentos dos quais o mundo é contaminado. Com o foco narrativo em primeira pessoa, o sobrinho, em uma de suas reflexões, coloca Geguê como o protagonista da sua narrativa e diz que o tio “é o solitário guarda dessa infinita caixa onde vou buscar meus tesouros, pedaços da minha infância” (COUTO, 2018, p. 41). É interessante observarmos que a personagem principal, apesar de todo o caos pelo qual seu tio o fez viver para, só então, sobreviver, em colocá-lo em um situações tortuosas e contrárias às leis oficiais humanas, há uma gratidão à pessoa que o permitiu viver, em meio a tanto abandono e que o salvou do total abandono parental.

Prosseguindo a discussão, queremos destacar “A filha da solidão”, um dos contos da obra coutiana em análise. A narrativa nona tem como destaque uma menina que cresce sendo privada de ter contato com as pessoas de pele negra e, a partir de certa idade, é proibida de estar no comércio da família, por precaução, tendo em vista que, de acordo com o próprio pai, “aqui só há pretalhada” (COUTO, 2018, p. 94), para se referir ao ambiente no qual viviam. É importante ressaltar que a garota “era filha dos cantineiros portugueses” (COUTO, 2018, p. 93), o que demonstra, mais ainda, como o negro era visto ao olhar do colonizador em relação aos colonizados. Não obstante, é válido ressaltarmos que nem mesmo as intervenções familiares, as intromissões médicas ou os isolamentos forçadamente impostos à personagem, já adolescente – chegando na estória aos seus dezoito anos – evitaram o desfecho do enredo, pois “antes de adormecer, apertou a mão negra que despontava no branco das roupas” (COUTO, 2018, p. 97).

Ao mesmo modo do último conto anteriormente citado, “O embondeiro que sonhava pássaros”, percebemos como a visão leve do olhar de um infante é capaz de despir toda a maldade e a destruição que há nos comportamentos que alimentam o preconceito racial. Por meio das personagens Meninita – do conto citado no antecedente parágrafo – e do menino – do atual conto em análise –, do vendedor de pássaros, que é negro, visto não a partir da cor da sua pele, mas sim pela beleza que transmitida a partir do que vende e como o faz ao longo dos dias em que passava

pelas ruas próximas a sua casa, Mia Couto nos mostra e nos ensina, por meio das suas narrativas, como podemos aprender com as personagens que figuram a infância em suas obras. Além disso, a narrativa coutiana nos diz muito sobre o quão sofrido é ser estigmatizado pela cor da pele que carrega no corpo, haja vista que “o vendedor de pássaros não tinha sequer o abrigo de um nome. Chamavam-lhe o passarinho” (COUTO, 2018, p. 61), mesmo sendo conhecido por todos na localidade onde passava todos os dias.

Ressaltamos que a personificação – tal elemento figurado nas narrativas da análise feita –, representada nas figuras do menino que admirava o vendedor de pássaros, bem como da menina/adolescente/adulta que não olhou para o preconceito envolto a ela, permite uma experiência tamanha ao leitor que a experiência. Em diálogo com tal afirmação, Mia Couto nos leva a refletir, portanto, sobre o propósito dessas protagonistas quando as tais são apresentadas ao público leitor, principalmente o infantojuvenil. Ao ser indagado a respeito das vozes narrativas e a influências dessas na garantia à ampliação de perspectivas sobre o mundo, o escritor moçambicano afirma que,

Se uma criança aprende, desde cedo, que o seu corpo é feito de uma infinita pluralidade de criaturas ela percebe que a diversidade não é um conceito, não é uma realidade exterior. Ela percebe que só existe porque dentro dela não existe algo que se possa chamar de “pureza”. Ao contrário, somos feitos de mestiçagens e de trocas entre criaturas absolutamente díspares. Uma criança que seja assim informada dificilmente se torna um racista, um fascista ou embarca em qualquer cruzada em busca da pureza rática, étnica ou religiosa (COUTO, 2020).

Compreendemos, assim, a importância de apresentar tais arquétipos aos diferentes públicos como forma de, quanto mais cedo possível, desenraizar e buscar soluções para os problemas vindouros de uma política social que extermina, de diferentes modos, o negro, a sua história, o seu valor, o seu passado e, prolonga o sofrimento, a dor, a desumanização e o preconceito – problemas sociais ainda tão perceptíveis em nossa sociedade. Tais reflexões dialogam com o que discute a pesquisadora Dilma Juliano ao apontar que

As narrativas em Mia Couto assinalam semelhanças com o real, o suficiente para sentir-se a vida protegida pelas alegrias dos encontros de afetos que se buscam como à felicidade, mas guardam também 'alteração com a semelhança' que somente pela infância do pensamento se é capaz de fruir (JULIANO, 2018, p. 360).

Desse modo, depreendemos que as personagens infantis apresentadas até aqui e retratadas na obra coutiana, seja por serem exploradas a partir daquilo que as tornam mais frágeis ou pelo comportamento reprimido pelo outro, perpassa uma mensagem ao leitor inquietante e o faz refletir o papel social de tal leitura e de, conseqüentemente, da vivência diária com o outro nos dias atuais, principalmente. Em conjunto com tais percepções, colocamos em pauta a discussão da estudiosa Inocência Mata no que tange às personagens nas diversas literaturas de Mia Couto. A pesquisadora afirma que,

As personagens de Mia Couto são, com certa sistematicidade, seres de exceção [...], seres marginais e marginalizados, seres que, conservando uma auréola de pureza, são capazes de captar a essência (poética) da existência, a sua inefabilidade, e a sua dimensão cósmica. Personagens propulsadas pelo sonho, pela inocência e pelo devaneio onírico (MATA, 1998, p. 266).

O trecho de Inocência Mata corrobora com diversos caminhos traçados nas narrativas dispostas na coletânea. Exemplificamos tal afirmação dialogando, aqui, com "O rio das Quatro Luzes", que é composto pelos protagonistas menino e avô. Há, na narrativa, um garoto que, ao se deparar com um cortejo fúnebre, deseja fazer parte desse momento como o próprio defunto. Por meio da inocência proferida pelo neto, os sonhos entre infância e velhice, apesar do desacordo, se harmonizam e, em suas divergências, comungam-se.

Para finalizarmos, no próximo tópico, abordaremos alguns aspectos referentes à temática de cenários de guerra ou de pós-guerra presentes em alguns contos da coletânea *A menina sem palavra*, a fim de trazer reflexões a respeito de como as narrativas, em suas diversas construções contísticas, remetem-nos a uma história que diz respeito a uma localidade, todavia, pode ser apropriada a um continente, a fim de que se tenha um olhar historiográfico e com vistas a torná-lo, a

partir de uma possível leitura da obra, desnudo de estereótipos enraizados ao longo de séculos.

2.2 ASPECTOS PÓS-COLONIAIS EM *A MENINA SEM PALAVRA*

Vale destacarmos a complexidade que o termo pós-colonial pode nos remeter. No presente trabalho, focaremos apenas na definição para nortear o diálogo posteriormente exposto a partir da análise dos contos escolhidos para tal enfoque. É importante, ainda, salientar que a construção dos sujeitos, a partir das heranças pós-coloniais, é norteadora para entendermos a problemática da questão nas narrativas construídas por Mia Couto. Para a pesquisadora Simone Pereira Schmidt (2009), o “conceito que remete a uma multiplicidade de posições (geográfica, cultural, histórica, subjetiva)” (SCHMIDT, 2009, p. 139). Além disso, a estudiosa reflete que não pode haver somente um sujeito pós-colonial, haja vista que

Sua identidade resulta da interseção de diversas faces de sua história e de seu presente, que dizem respeito à classe social em que se situa, ao país e à região de onde vem e onde está, à sua posição de gênero, raça e etnia, etc., sendo que todos esses elementos só podem ser vistos em sua complexa rede, densa de historicidade e múltipla em suas localizações (SCHMIDT, 2009, p.139).

É nesse sentido que as personagens de Mia Couto são desenhadas e compostas em seus enredos. Nesse viés, um dos principais aspectos referentes à temática pós-colonial e na qual podemos destacar neste tópico, na obra coutiana, é a orfandade. Sabemos que em um período pós-guerra há problemas sociais que são potencializados em meio ao próprio caos que já se tem – a guerra – e se caracteriza pelas inúmeras perdas nas diferentes famílias. Nos vários contos da obra *A menina sem palavra* não é diferente. Deparamo-nos, por diversas vezes, com infantes sendo entregues aos cuidados de outrem, que não seus pais ou suas mães, mas que, por mais que estejam envolvidos a tanto sofrimento, carregam consigo o leve caminhar que a infância proporciona ao menino e à menina.

A estudiosa Inocência Mata, em um de seus escritos, concretizados por meio de artigo, esclarece-nos que, em variados textos, “os mortos de Mia Couto sonham com uma paz eterna que os vivos lhes negam pelas sandices que vão fazendo pelo mundo” (MATA, 1998, p. 266). É muito claro vemos isso na obra em

análise, principalmente se retomarmos o primeiro conto do livro – “O dia em que explodiu Mabata-bata” – já analisado no tópico anterior deste trabalho. A mina, um dos resquícios da guerra – que já destruiu a família de Azarias outrora –, causa sofrimento ao menino haja vista que é ela o motivo pelo qual o protagonista não quer voltar para casa, já que destruiu o boi de quem ele cuidava e, por uma segunda vez, mata-o. De acordo com a pesquisadora Evelin Balbino,

Azarias não tem chance de sobreviver diante da força da guerra. A narrativa parte de um dado muito específico da história moçambicana. A guerra civil durou 26 anos e o acordo de paz assinado entre a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e a Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) surge, ainda hoje, como um frágil véu que ocultou e oculta do olhar internacional os conflitos armados no país. As minas subterrâneas estiveram presentes no território moçambicano nos anos de guerra, e constituíam um dos instrumentos de ataque mais temidos (BALBINO, 2018, p. 41).

A partir do que afirma Evelin Balbino, observamos como a escrita de Mia Couto, especificamente a que analisamos, mostra um povo, de certo modo, livre da guerra, mas, ao mesmo tempo, agarrado, por forças externas, a questões não tão passadas ou, mesmo, não superadas, haja vista que os resquícios de um conflito tamanho como o tal, deixa heranças dolorosas, principalmente, aos inocentes que fazem parte desse, como é o caso das crianças.

Em outro momento da coletânea de contos posta na obra *A menina sem palavra*, também percebemos outros elementos, como os resquícios da guerra, marcados nos viventes do referido lugar. Em “As baleias de Quissico”, um homem segue em busca de presenciar o aparecimento de baleias. Para isso, ele decide ir para o local onde seria mais possível a visão de tal fato. Antes de se deslocar ao referido lugar do possível acontecimento, Bento João Mussavele passa por vários processos. Primeiramente, fala ao tio que está em busca do animal, depois consulta duas figuras de tradição, chamados de “sábios do bairro, àquele branco, o Sr. Almeida, e ao outro, preto, que dava pelo nome de Agostinho” (COUTO, 2018, p. 73). Este último lhe deu respostas mais completas, enquanto o primeiro, embora tivesse sido superficial, além de ter sido recebido pelos seus empregados de modo preconceituoso em sua casa por conta justamente da cor da pele, sai de lá convencido de que precisa ir em busca da baleia, pois “aquele discurso vago incutiu-lhe esperanças” (COUTO, 2018, p. 74).

No desenrolar da história, João decide ir em busca de realizar o seu desejo e, no caminho, encontra um lugar assolado pela guerra, pelas atrocidades que essa causa. Ao chegar no local onde haveria de estabelecer morada a fim de concretizar o maior sonho, o protagonista revive e “trabalha a busca da superação das memórias do período de guerra” (GOUVEIA, 2012, p. 10) e o faz justamente com a reconstrução do lugar no qual se fincou e, ainda, por meio da própria metáfora criada por ele a respeito das míticas baleias de Quissico. Ao final da leitura, concretizamos algumas pistas dadas ao longo da narrativa a respeito do que seriam as baleias das quais o homem tanto busca, pois “as armas seriam transportadas por submarinos que, nas estórias que passavam de boca em boca, tinham sido convertidas nas baleias de Quissico” (COUTO, 2018, p. 78).

No próximo tópico, abordaremos a respeito de como a literatura africana de língua portuguesa, em especial na obra *A menina sem palavra* é fator primordial para a construção da formação do leitor literário em sala de aula. Para isso, trataremos de questões inseridas nos documentos oficiais e de como tais pontos são fundamentais na criticidade do público-alvo.

2.3 A OBRA *A MENINA SEM PALAVRA* E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

O trabalho com o texto literário em sala de aula possibilita abordagens diversas. Ao nos depararmos com uma obra de tamanha significância como é *A menina sem palavra*, possibilitaremos ao leitor o encontro com temáticas ligadas a diferentes aspectos do cotidiano, a variadas perspectivas históricas de um povo, bem como de determinado lugar. Deixamos à vista o que a professora e pesquisadora Eliane Debus nos diz a respeito da relevância de tornar possível tais experiências, principalmente, ao indivíduo da educação básica,

Se ler o outro e sobre o outro tem importância fundamental na formação leitora do indivíduo, o contato com textos literários, que apresentam personagens em diferentes contextos, ou a existência de escritores oriundos de diferentes contextos permite uma visão ampliada de mundo. Desse modo, a literatura negra ou afro-brasileira e/ou a temática da cultura africana e afro-brasileira se faz imprescindível, sabendo, de antemão, que não é uma tarefa fácil (DEBUS, 2017, p. 27).

Este é o desafio dos/das docentes de educação básica, haja vista que, ao tornar possível a referida experiência para o nosso alunado, nos fará tratar de questões, muitas vezes, cristalizadas, das quais, enquanto condutores/as desse objeto literário, precisaremos desmistificar variados temas tão enraizados tanto no nosso cotidiano bem como tão presente na vivência do público-alvo.

Faz-se relevante apontarmos a importância do trabalho com a literatura africana de língua portuguesa em sala de aula. Tal premissa dialoga com os ditos dos documentos oficiais do Estado enquanto nação. Citemos, inicialmente, a Lei nº 11.645, de março de 2008, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera o Art. 26-A, da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. O texto da mudança inclui, no seu parágrafo primeiro,

Diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2008).

No seu parágrafo segundo, a referida Lei destaca, ainda, sobre a condução do currículo a respeito dos “os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros”. Como dito no próprio excerto, tais conteúdos devem ser “ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras” (BRASIL, 2008).

Compreendemos, portanto, de que modo *A menina sem palavra*, de Mia Couto, pode contribuir para formação do leitor literário, haja vista que a apresentação de tal obra em sala de aula, além de convergir com os ditos dos documentos oficiais, também promoverá o que a literatura pode propor de mais relevante, entre outros aspectos, como nos apresentam as estudiosas Marlene Meireles, Santuza Silva e Márcia Lima, ao dialogarem sobre os desafios desse estilo literário em sala de aula. As autoras afirmam que

A literatura, nesse contexto, desempenha dois papéis: o de educar e o de promover a fruição. Objetiva-se, com isso, educar o aluno para as relações étnico-raciais, pelo fato de a temática perpassar todas as obras e, também, em razão de suas particularidades, isto é, as características da linguagem

literária (capacidade de produzir múltiplos sentidos, de transformar a realidade e de interagir de forma positiva com a infância e a juventude), capaz de levá-lo à fluidez na leitura e à compreensão do imaginário, do lúdico (MEIRELES; SILVA; LIMA, 2021, p. 2-3).

Desse modo, ao nos depararmos com personagens diversos que quebram os paradigmas sociais estipulados nos diferentes meios, como a menina corcunda que, de acordo com o próprio narrador, passeava por todas as raças em seu corpo, no conto “A Rosa Caramela”, e que era vista de modo preconceituoso por quem se aproximava dela, bem como o adolescente que narra “Sapatos de tacão alto”, enredo vivenciado por ele ainda nos “coloniais tempos...quando antecedia a adolescência” (COUTO, 2018, p. 115), ao se deparar e admirar um vizinho português que escondia muita surpresa em torno das suas ações diárias, podemos ter na literatura diversas possibilidades de trabalho junto ao texto literário com fito de formar leitores críticos e atentos às temáticas sociais.

O conto que também dá nome ao título da coletânea – “A menina sem palavra” – permite-nos, enquanto condutores/as da atividade com a leitura no ambiente escolar (professoras/es), refletir, juntamente com discentes, por exemplo, sobre aspectos diversos, entre eles as singularidades da protagonista. Na narrativa, a menina anseia ser ouvida pelo olhar, pelas ações, pela singeleza que compunha as suas atitudes e façanhas diárias. Logo no início do enredo, o foco narrativo, posto em primeira pessoa, conta que a menina, “quando lembrava as palavras ela esquecia o pensamento” (COUTO, 2018, p. 33). A menina se expressava por meio dos gestos e conseguia dizer tudo e dialogar com o pai mesmo sem proferir qualquer vocábulo.

A experiência do encontro entre pai e filha na, e pela, linguagem tanto pode ser lida pela perda da infância da menina, que agora fala a língua morta das convenções, quanto pode indicar a retomada da infância do pai, na epifania da imaginação proposta pela filha que inventa um seguimento para a história por ele inacabada (JULIANO, 2018, p. 354).

Ao dialogarmos com os dizeres da pesquisadora Dilma Juliano, enfatizamos a relevância de explorarmos a abrangência do texto literário em sala de aula. Com o referido objeto, podemos trabalhar questões voltadas para a temática do ensinamento que uma criança pode, por meio de suas ações, proporcionar aos seus

genitores, bem como do amadurecimento que o infante pode proporcionar aos que o rodeiam. O pai, na narrativa em pauta, é guiado, a todo momento, pelo que a menina possibilita a ele, e este, mesmo com medo, segue-a e vive, junto com a filha, o espetáculo proporcionado por ela.

Por fim, ao percorrermos pelos dezessete contos da coletânea analisada, que abordam questões de gênero, raça e classe, poderemos proporcionar ao discente que será apresentado a tal experiência, um experimento à educação multicultural, exposta por bell hooks na obra *Ensinando a transgredir*. Nesse viés, a ativista nos afirma que nós, enquanto educadores/as e, no presente artigo, enquanto permissores da leitura do objeto livro, em sala de aula, “podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência da educação em arte liberais verdadeiramente libertadora” (HOOKS, 2013, p. 63).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do panorama exposto ao longo de todo o trabalho desenvolvido até aqui, pretendemos tornar possível essa leitura em sala de aula aos discentes dos anos finais do ensino fundamental II, especificamente, 8º e 9º anos, como sugere o PNLD literário. Trata-se de uma provocação tornar possível o diálogo exposto a partir das análises dos contos, bem como concretizá-lo em uma abordagem ampla em sala de aula. Faz-se notório observarmos que lidamos, diariamente, com diferentes problemáticas e com múltiplos desafios para, além de nos adequarmos, enquanto professoras/es, aos documentos oficiais, especificamente a Base Nacional Comum Curricular, que sugerem a utilização da literatura africana de língua portuguesa em sala de aula, a fim de, com base nos parâmetros, desenvolver a “organização/progressão curricular” (BRASIL, 2017, p. 524), também nos encaminharemos, ao fazermos uso dessa prática ao que sugere, ainda, a BNCC, quando elenca as competências específicas de LP para o ensino fundamental, no nono ponto, ao destacar que a/o discente deve

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às

dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2017, p. 87).

Desse modo, o nosso alunado, ao passar por tal experiência poderá perceber, mesmo de modo imperceptível, como a literatura, mesmo com as narrativas mais dolorosas, poderá levá-lo à reflexão e ao protagonismo em relação ao meio ambiente no qual ela/e se insere e, desse modo, além de proliferar tais considerações ao maior número de pessoas que também fazem parte da sociedade, possam ser o objeto da mudança.

A pesquisa em pauta se propôs a discutir a respeito da formação crítica do leitor, levando em consideração a análise de alguns contos da obra *A menina sem palavra*, de Mia Couto. Vale destacarmos que a questão de partida, feita do início deste trabalho, a respeito das possíveis práticas do letramento literário em sala de aula, a partir da perspectiva de um enredo, em sua maioria, composto por personagens infantis, pôde oferecer, a partir das reflexões dispostas ao longo dos tópicos, caminhos capazes de possibilitar ao leitor um espaço narrativo diferente da cultura em que o alunado se insere e, assim, torne possível trabalhar temas voltados ao preconceito de raças, por exemplo, a uma cultura diferente da que ela/e está acostumada/o a conviver diariamente.

Percebemos, dessa forma, que o referido objetivo geral foi possível de ser alcançado a partir do que elencamos ao longo do trabalho, por meio das reflexões em torno dos percursos narrativos da obra em pauta. Além disso, ao analisarmos alguns comportamentos e algumas específicas construções em torno de como se desenvolvem as personagens infantis na obra, como a leveza do olhar, a singeleza em determinadas atitudes, conseguimos compreender como isso se reverbera no leitor.

Ao traçarmos um percurso em torno de condições que envolvam cenários pós-guerra em alguns contos, representações de personagens infantis, na maioria das narrativas da coletânea em estudo, é notório, também, permitirmos ao/à educando/a questões relacionadas a um passado histórico que ecoa, inclusive, em narrativas reais e diárias, mesmo que protagonizadas por outras personagens, bem como vividas em outras localidades que não a citada, como é a cidadina Moçambique. Acreditamos, por fim, que, ao ler Mia Couto, bem como outros/as autores e autoras, em sala de aula, promoveremos mais uma possibilidade, entre tantas que surgem no nosso dia a dia.

Caberá a nós, enquanto professoras e professores de literatura, nos embasarmos em temáticas como essas a fim de que esse direcionamento tenha frutos ao longo da jornada a ser traçada.

REFERÊNCIAS

BALBINO, Evelin. **Pelos caminhos encantados?** Uma leitura dos contos de Mia Couto. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 157, 2018. Acesso em: 22 jan. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC. 2017. Disponível em: <https://cutt.ly/bggOG89>. Acesso em: 25 jan. 2022.

_____. Lei nº 11.645, de março de 2008. **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 de março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em 22 jan. 2022.

_____. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em 22 jan. 2022.

COUTO, Mia. **A menina sem palavra**. São Paulo: Bonifácio, 2018.

_____. **LIV Entrevista Mia Couto**: “O medo de errar é talvez o maior dos constrangimentos que nos foram impostos”, 2020. Disponível em: <https://www.inteligenciadevida.com.br/pt/conteudo/liv-entrevista-mia-couto-arte-e-literatura/>. Acesso em 21 jan. 2022.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. Florianópolis: Centro de Ciências da Educação, 2017.

GOUVEIA, Erick Camilo da Silva. Chave poética decifratória: o pensar mítico na explicação do desconhecido em as baleias de Quissico, de Mia Couto. **Cadernos Imbondeiro**, v.2, n.1, 2012. João Pessoa. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/view/14122/8757>. Acesso em: 23 jan. 2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JULIANO, Dilma Beatriz Rocha. Infância como instância poética na prosa de Mia Couto. **Scripta Uniandrade**, v. 16, n. 2 (2018), p. 347-362. Curitiba. Data de edição: 27 set. 2018. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/934/864>. Acesso em: 22 jan. 2022.

LAMAS, Isabella Alves; BUENO, Natália. Moçambique e “uma guerra que parece não ter fim” em Terra Sonâmbula. **Revista de Ciências Sociais**, v. 52, n. 1, p. 109-138. Fortaleza, 2021. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/61231>. Acesso em: 23 fev. 2022.

MATA, Inocência. A alquimia da língua portuguesa nos portos da expansão em Moçambique, com Mia Couto. **Scripta**, v. 1, n. 2 (1998), p. 262-268. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10204>. Acesso em: 22 jan. 2022.

MEIRELES, Marlene do Carmo; SILVA, Santuza Amorim da; LIMA, Márcia Emília Guimarães de Paula. A literatura afro-brasileira no contexto da sala de aula: desafios para a prática pedagógica. **Dialogia**, n. 38, p. 1-18. São Paulo, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/20449>. Acesso em: 24 jan. 2022.

SCHMIDT, Simone Pereira. Onde está o sujeito pós-colonial? (Algumas reflexões sobre o espaço e a condição pós-colonial na literatura angolana). **Abril – Revista de Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, v. 2, n. 2, p. 136-147. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29827/17368>. Acesso em: 24 jan. 2022.